

Especial

Briga no mercado mundial de vodca, que move US\$ 23,7 bi, envolve até James Bond **Página B4**

Fabricante de telhas e caixas d'água Eternit planeja expansão no início de 2007 **Página B8**

Nova potência “Dois quartos são de bom tamanho. A família não vai aumentar mesmo”

A China não pára: a febre agora é a construção de apartamentos

O império globalizado

Paulo Totti

De Pequim, Xangai, Guangzhou e Dongguan

À meia-noite e meia, temperatura de zero grau, o guindaste está parado e não há barulho de serras e soldas na nona laje de um prédio em construção ao lado do hotel em Pequim. Mas há luzes no alto, operários, com capacetes e grossos moletons, carregam canos e carrinhos de mão. Às seis e quinze da manhã, começa a chuva fina que anuncia a primeira neve deste inverno. Zumbido de serras, fagulhas de solda, batidas de martelo. E o braço do guindaste avança da escuridão, passa a cinco metros da janela do hotel e volta para o nono andar, com uma carga impossível de identificar na neblina. Há dez dias, o prédio em construção estava na sétima laje.

A China é isso, por onde se anda em Pequim, Xangai, Guangzhou (mais conhecida como Cantão, a 90 minutos de Hong Kong, região de onde emigrou e ocidentalizou-se a comida chinesa). Operários erguendo edifícios e os guindastes a intrometer-se em cada campo de visão. No centro de Pequim e nos quatro “anéis” que o envolvem, dos dois lados da Xangai dividida pelo rio Huangpu, no centro e nos bairros de Guangzhou, à margem do Rio Pérola — em toda a costa leste, desde a antiga Manchúria (hoje províncias de Heilongjiang e Jilin) até quase o Golfo de Tonquim, numa faixa que se abre para o oeste até as províncias centrais de Xian e Chengdu. Não há canteiro, é tudo “just in time”. Nem mesmo em Pequim, onde se constroem 12 estádios e quatro novas linhas de metrô para as Olimpíadas de 2008, as obras provocam mais congestionamentos do que os já existentes.

A China tem sido assim nos últimos anos. Mas agora há uma diferença. Já não se constroem tantos magníficos edifícios de escritório, paradisíacos hotéis, tantas fábricas. Por esse lado, a China parece bem servida. Já não se vê ou se escuta movimento de tra-



Operários chineses trabalham na construção de um prédio residencial em Xangai, ao lado da Oriental Pearl Tower; venda de apartamentos dispara no país

balhadores no turno da madrugada, ou nos domingos, nos prédios de futuros escritórios.

A febre agora é a construção de “vivendas”. Ai é que se trabalha sem parar (a Prefeitura de Pequim proibiu barulho depois das dez da noite e também perto das escolas em dia de provas dos alunos). Os edifícios de apartamentos evidentemente são mais simples, mas quase da mesma altura dos demais. Os prédios para moradia estão por toda parte, encravados entre hotéis e edifícios de escritórios, aparentemente não há zoneamento. Antes de o bate-

estacas começar seu trabalho, aparece o cartaz com caracteres em chinês anunciando apartamentos à venda. Os caracteres são sempre em vermelho quando se trata de propaganda ou algo a comemorar. Verdes, uma advertência: use o cinto de segurança, trecho da rodovia em obras adiante, use o capacete.

Dá para perceber se são novos apartamentos já ocupados. Os que têm mais de cinco anos mostram as roupas do casal e do filho único penduradas na varanda ou na janela de frente para a rua. Nos apartamentos mais

recentes, há um vão ajardinado entre um edifício e outro, flores em janelas e varandas — a novidade é a área de serviço, onde cabem máquina de lavar, tanque e varal. O apartamento padrão é o de dois quartos, sala, cozinha, banheiro e área de serviço.

Como quase tudo na China, o fenômeno é sempre uma surpresa, só depois é que se vai tentar explicá-lo. De repente descobriu-se que, em Pequim, o metro quadrado de área construída para moradia nos anéis mais centrais da cidade já estava por volta de US\$ 1.000. Nos subúrbios mais distantes, sem metrô,

US\$ 150. Em Xangai, US\$ 1.500. Até em Dongguan, no sul, o metro quadrado subiu para US\$ 800. Os cartazes em vermelho não falam de preços, mas de condições: dez a vinte anos para pagar. Segue-se a assinatura do banco financiador, quase sempre um dos estatais, que só figuravam antes como grandes financiadores da indústria.

As causas dessa explosão têm a ver com a macroeconomia e com o poder aquisitivo, em evidente ascensão. O governo decidiu desacelerar o ritmo de crescimento para manter a economia sob controle, por isso deu leve aperto no crédito

para grandes investimentos — prosseguiu, ele próprio, a investir maciçamente em infra-estrutura — e há rumores de breve e ligeiro aumento na taxa de juros, que, depois de 19 meses, subiu em abril último 0,27 ponto percentual para 6,2% ao ano. (Outra restrição teve relação direta com a indústria da construção: empresas estrangeiras só podem agora ter 49% em joint-ventures com empresas do setor).

No mesmo pacote, o governo decidiu que os empréstimos para a compra da primeira moradia teriam um desconto de 15% nos juros, como demonstração de “preocupação social”. Beliscou o freio com um pé e acelerou com o outro. Concorrentes entre si como se fossem de acionistas diferentes, os bancos estatais partiram para o marketing do financiamento, e a competição permitiu descontos até maiores do que os 15%. Os bancos privados fizeram o mesmo e agora a fila vai aumentar com a entrada dos estrangeiros no negócio.

Como os salários da classe média aumentaram entre 10% e 15% nos últimos meses, casais de funcionários públicos, gerentes de fábricas e lojas, especialistas em comércio exterior, pequenos especuladores da bolsa fizeram os seus cálculos e resolveram melhorar de vida, endividando-se a longo prazo.

Foi o que fez, em Xangai, Xu Xin Hao, de 30 anos, chefe do departamento de desenvolvimento da Shanghai Ri Yong-JEA Gate Electric Co. (joint-venture sino-italiana), maior fabricante de aparelhos para ar condicionado de automóveis. “Comprei perto do trabalho. Dois quartos, pois a família não vai aumentar mesmo. Quando acabar de pagar, meu filho já estará formado e terá saído de casa. Vou ter um apartamento maior na velhice.”

Apesar da concorrência, os preços ainda não baixaram, pois a demanda continua. Empresários da construção civil e os banqueiros sabem que, ao contrário do que ocorre com a venda de edifícios de escritórios ou hotéis, na China o mercado de “vivendas” é elástico: até 2010 mais 50 milhões de pessoas deixarão o campo e metade da população estará morando nas cidades.

Mandarinas

O garoto propaganda

A gaúcha Gisele Bündchen já fez sucesso na Ásia e foi capa da “Vogue”, em setembro do ano passado, no lançamento da edição chinesa para o público xiaozi, os novos ricos. Hoje, o brasileiro mais admirado também é gaúcho, e a “Vogue” não cometeria a extravagância de colocá-lo na capa. Mas ele já apareceu na capa de revistas mais populares. “Londalinho” está presente todas as noites na televisão, fazendo propaganda do laptop da estatal Lenovo. Os comerciais de Ronaldinho Gaúcho no Brasil têm muita firula e pouca fala. Na China, sem dispensar o malabarismo com a bola, Ronaldinho faz até discurso. Dublado, é claro.

As tevês chinesas transmitem todos os grandes jogos dos campeonatos europeus. Um recente gol de meia bicicleta do atleta do Barcelona rendeu mais de 15 minutos de animada e admirada discussão numa mesa-redonda sobre a arte do futebol.

Os 600 brasileiros de Wenzhou

De Xangai

A cidade de Wenzhou, 370 quilômetros ao sul de Xangai, na província de Zhejiang, tem 7 milhões de habitantes e 600 brasileiros. Sim, brasileiros de um a três anos de idade. Filhos de brasileiros? Não, nascidos no Brasil mas filhos de chineses.

A história pode ser resumida assim: os pais tiveram filho no Brasil, providenciaram imediata certidão de nascimento para legalizar sua própria situação de imigrantes sem documentação e conquistaram o direito de trabalhar. Seguindo uma respeitável tradição que não é exatamente chinesa, mas, sim, da região de Zhejiang e de outras províncias do sul da China, os pais mandaram o filho para morar com os avós e ser educado por eles.

As crianças estão espalhadas na cidade e pelos subúrbios. Algumas têm avós ricos, pois Wenzhou é cidade próspera, uma das primeiras a que o governo permitiu negócios

privados, na virada para o “socialismo de mercado” em 1977 — o “New York Times” exagerou e a descreveu como “cidade à frente do capitalismo”. Outras têm avós remediados, funcionários públicos, empregados do comércio ou das muitas fábricas de óculos, relógios e jóias do município. E há os que não tiveram tanta sorte e encontraram avós na China com quase as mesmas dificuldades para viver que seus filhos expatriados encontram no Brasil, onde trabalham por conta própria, ou como empregados do pequeno comércio de artigos populares.

De qualquer forma, as crianças são brasileiras e, quando completarem 16 anos, poderão inscrever-se no consulado (em Xangai) e votar nas eleições do Brasil.

Wenzhou, cidade considerada a mais cristã de toda a China — em censo recente, 14% se declararam adeptos de religiões cristãs, católicas ou luteranas pentecostais — cultiva outra tradição, a de emigrar. Há milhares de chineses na

Europa e nos Estados Unidos dessa região. Alguns são filhos de emigrantes, nasceram no exterior, voltaram para a China ainda bebês e, adultos, já estão de novo pelo mundo. Geralmente, saem da província de Zhejiang, fazem escala em Guangzhou, onde conseguem documentos falsos, vão para o Vietnã e dali tomam a direção que o primeiro navio cargueiro tomar, como clandestinos ou trabalhadores de estiva. Viajam em casais, ou o casal se forma no exterior.

No Brasil entram clandestinamente pelo Paraguai e costumam ir para São Paulo. Este é o Estado que consta da absoluta maioria das certidões de nascimento que acompanham o filho na viagem para a China. É sempre um filho; dois seria descumprir a lei chinesa e perder direitos de escola e assistência médica gratuitas.

O governo brasileiro decidiu interessar-se por esses compatriotas. O Itamaraty, por intermédio da embaixada em Pequim e do consulado-geral em Xangai,

conseguiu localizar essas crianças e prestar-lhes assistência. Os mais necessitados têm recebido roupas e remédios. Quando entrarem para a escola, terão algum material didático, livros e revistas que falem do Brasil. “Para não perderem a identidade, queremos que se sintam brasileiros”, disse o cônsul-geral em Xangai, João Mendonça.

Para isso, o Brasil conta com a generosidade dos compatriotas abastados de Xangai, uma colônia de representantes de empresas brasileiras que já soma quase mil pessoas, às quais se agregam um dono de churrascaria e um cabeleireiro. No jantar anual da colônia promovido pelo consulado, o mote deste ano foram os brasileiros de Wenzhou. Descontadas as despesas com conjunto musical, aluguel (caro) do salão do Ritz Carlton e a comida, a benemerência rendeu em torno de US\$ 8 mil. (PT)

A terceira reportagem da série “O império globalizado” será publicada amanhã

Mandarinas

Noturno para Xangai

O trem começa a andar na estação de Pequim às 19h34, e o tranco final da composição na estação de Xangai ocorre exatamente às 7h34 da manhã seguinte. Mil e duzentos quilômetros em doze horas, cem quilômetros por hora. São 18 vagões lotados de passageiros, seis deles compostos de cabines para quatro pessoas com beliche.

As cabines são confortáveis, travesseiro macio, luz individual, até os chininhos de pano que os chineses colocam ao pé da cama em todos os hotéis. O restaurante é o ponto fraco: comida pouco variada — o que é raro na China — e ruim. Na estação de Pequim, confusa e tumultuada como a de Xangai, há uma sala de repouso para viajantes de muito longe (a China tem 72 mil quilômetros de ferrovias eletrificadas, todas com linhas de passageiros). Paga-se por hora e pode-se descansar em sofás que viram cama. Lotada, como tudo o mais.